

Diversão & Arte

» *MARIANA SARAIVA
» *PEDRO IBARRA

O Cena Contemporânea chega à reta final. O festival de teatro apresenta os cinco últimos dias de espetáculo com peças do DF, de estados brasileiros e de outros países. O Correio destaca títulos fortes da despedida da 23ª edição do evento que voltou a movimentar o teatro de Brasília presencialmente, após dois anos no formato virtual.

A Companhia Brasileira de Teatro, grupo de São Paulo, chega ao Cena com o espetáculo *Sem palavras*, uma série de crônicas individuais que fazem uma grande reflexão sobre corpos, imagens sociais, referências, histórias de vida e mundos imaginados de pessoas diferentes. “Apesar do título, ele é um trabalho que aborda muitas palavras e a palavra de um modo descolonizado. É uma provocação e se abre para algumas perspectivas de entendimentos. É um pouco de estupefação diante das radicais transformações e opressões, violências e incongruências do mundo de hoje. Mas também a ideia da palavra como lugar de poder. Cada pequeno universo desses reflete o nosso tempo e tudo que está acontecendo aí fora”, afirma o

SEM PALAVRAS, DA COMPANHIA BRASILEIRA DE TEATRO, E ANTES DO TEMPO EXISTIR, COM DIREÇÃO DE ANDREIA DUARTE, SÃO DESTAQUES DA ÚLTIMA SEMANA DO FESTIVAL CENA CONTEMPORÂNEA

diretor Márcio Abreu. “São possibilidades de pensar o agora movendo espirais para que a gente possa ter futuro em algum momento”, completa.

A peça é uma aposta do Cena, já que faz toda esta reflexão sem usar palavras. “Estar no Cena com *Sem palavras* é uma oportunidade crucial para trajetória da peça, para a minha como artista também e para a Companhia Brasileira”, diz Abreu. “Esta edição dialoga completamente com as questões que estão no cerne dessa peça”, elogia.

Antes do tempo existir é uma criação coletiva de artistas indígenas e não indígenas, sob a direção da atriz e pesquisadora Andreia Duarte, com a participação de líderes, pensadores e artistas indígenas Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Denilson Baniwa, Jaider Esbell, Naine Terena e Zahy Gujaraja, entre outros. A peça estará em cartaz na Sala Multiuso do Espaço Cultural Renato Russo. O trabalho traz ao Cena a cultura indígena,

com a conexão entre o animal, o vegetal, os espíritos da floresta, a chuva e o vento. Em cena, o elenco se alterna com depoimentos, as próprias biografias e passagens performáticas transitando entre o real e a ficção. A peça se propõe a proporcionar uma imersão no universo indígena.

A diretora Andreia Duarte tem como proposta desmistificar o papel tradicional do texto no teatro, entendendo a dramaturgia como o conjunto de sentidos propostos por todos elementos cênicos. “Fazer um espetáculo sobre a causa indígena é uma forma de mostrar que existem outros pensamentos sobre a vida vão além do dinheiro. Ouvir e dialogar com esses povos e seu olhar sobre a vida é muito enriquecedor. O objetivo é poder alcançar o público pelo sensível e produzir questionamentos”, comenta a diretora.

Com coprodução do Festival Internacional de Buenos Aires (FI-BA), *Solilóquio* é dirigida e interpretada pelo artista argentino Tiziano Cruz. A primeira parte é realizada na rua e conta com a participação especial do Bumba Meu Boi do Seu Teodoro. Em seguida, o espetáculo adentra o Teatro Galpão Hugo Rodas. A encenação questiona o fato de se sentir imigrante em sua própria terra, uma

questão ligada aos povos do norte da Argentina, em uma sociedade que valoriza uma política de branqueamento. Tiziano traz traços autobiográficos e a regionalidade transmitida por meio da materialidade cênica.

“*Solilóquio* é uma peça que interage com a minha mãe, vai em direção à minha origem, à procura do início de algo, neste caso da minha vida. Me ajuda a poder me reconhecer dentro de um território que desejei e deseja que corpos como o meu não existam, pelo simples fato de não ser branco”, destaca Tiziano.

Um dos representantes de Brasília, o grupo Tripé realiza um dos atos de encerramento do festival com o espetáculo *Entre quartos*. Há 10 anos sendo apresentada, a peça chega com o sexto elenco diferente e a mesma vontade. “Fazer e refazer *Entre quartos* é nos encontramos com nossas maturidades, com nossos amores adolescentes, com as nossas seriedades adultas, com um flerte eterno com a vida”, aponta a atriz Ana Quintas. A apresentação não será o único motivo para comemorar. “Sábado, dia 9 de julho, completaremos 10 anos de grupo. Poder fazer isso em cena será um experimento científico sobre as dobras do tempo”, afirma o ator Gustavo Haeser.

Sem palavras: lugar de disputa do poder

ATRAÇÕES

DA RETA FINAL

SERVIÇO

UBERCAPITALISMO (DF)

Hoje
Sala Multiuso - Espaço Cultural Renato Russo, às 19h30. Ingressos a partir de R\$20,00 (meia-entrada). Classificação Indicativa Livre

CORDEL DO AMOR SEM FIM OU A FLOR DO CHICO (SP)

Hoje
Teatro SESC Garagem, às 20h. Ingressos a partir de R\$30,00 (meia-entrada). Não recomendado para menores de 14 anos.

AFETO (DF)

Hoje

Teatro SESC Paulo Autran, às 20h. Entrada franca. Não recomendado para menores de 12 anos.

SEM PALAVRAS, COM COMPANHIA BRASILEIRA (SP)

Hoje e Quinta-feira
Teatro Galpão Hugo Rodas (508 sul), às 21h. Ingressos a partir de R\$30 (meia-entrada). Não recomendado para menores de 18

SUPERSÓ & OUTROS IDEOCLIPES (DF)

Quinta e sexta
Complexo Cultural Planaltina, às 19h. Entrada Franca. Não recomendado para menores de 14 anos.

EXPERIÊNCIA 2: ENCUENTROS BREVES CON HOMBRES REPULSIVOS (ARGENTINA)

Sexta, sábado e domingo
Teatro SESC Garagem (913 Sul) às 20h. Ingressos a partir de R\$30 (meia-entrada). Não recomendado para menores de 14 anos.

LÁGRIMAS NO MAR COM ARNALDO ANTUNES

Sexta e sábado
Conjunto Cultural da ADUnB às 20h. Ingressos a partir de R\$40 (meia-entrada). Não recomendado para menores de 6 anos.

PEDRA(P)ARIDA (DF)

Sexta e sábado
Teatro SESC Paulo Autran, às 20h. Entrada Franca. Não recomendado para menores de 18 anos.

ANTES DO TEMPO EXISTIR (SP)

Sexta, sábado e domingo
Sala Multiuso - Espaço Cultural Renato Russo (508 Sul), às 20h30. Ingressos a partir de R\$30 (Meia-entrada). Classificação indicativa livre

SOLILÓQUIO (ME DESPERTÉ Y GOLPEÉ MI CABEZA CONTRA LA

PARED) (ARGENTINA)

Sábado e Domingo
Teatro Galpão Hugo Rodas (508 Sul) às 18h30. Ingressos a partir de R\$30 (meia-entrada). Não recomendado para menores de 12 anos.

ENTRE QUARTOS COM O GRUPO TRIPÉ (DF)

Sábado e domingo
Teatro Casa dos Quatro às 20h. Ingressos a partir de R\$ 20 (meia-entrada). Não recomendado para menores de 14 anos.

ARTES VISUAIS

O INVISÍVEL DESVELADO

» DAVI CRUZ*

O Museu Nacional da República recebe, a partir de sexta-feira, a exposição *Esférica*, primeira de forma individual da artista holandesa Janet Vollebregt no Brasil. A mostra é composta por um conjunto inédito de mais de 30 trabalhos, entre eles estão esculturas, pinturas e também instalações interativas, que convocam o público a refletir sobre autoconhecimento e autocura.

Em entrevista ao *Correio*, Janet explica o motivo de escolher o Museu Nacional o espaço para apresentar suas instalações. “Isto é uma semente que foi plantada na minha cabeça há muito tempo. Estudei arquitetura na Universidade Técnica de Delft na Holanda e, nessa época, eles mostraram fotos do modernismo brasileiro na sala de aula. Logo

me apaixonei pelo trabalho do Niemeyer. Só que nunca imaginei viver no centro do Brasil, no meio desses prédios do Oscar e dessa arte de uma época que gosto muito, é um sonho realizado poder expor aqui”, comenta Janet.

O intuito da artista é modificar o espaço expositivo do Museu, em um ambiente transformador e acolhedor, com o objetivo de instigar o público a refletir sobre a cura e as dinâmicas energéticas. Além de posicionar o trabalho arquitetônico modernista de Oscar Niemeyer, em um corpo vivo e mutável, como um vetor de saúde física e emocional. As obras foram selecionadas pela curadoria Kura (de São Paulo) e também ao lado da galeria Index de Brasília. “Estou muito feliz com essas equipes”, relata com entusiasmo.

Na fronteira entre arte e arquitetura, a artista holandesa afirma o anseio de comunicar

Janet Vollebregt/Divulgação



Exposição de Janet Vollebregt: conexão entre arte e arquitetura

por meio da exposição o invisível usando arte. Segundo ela, tudo contém energia, sejam pessoas ou até mesmo prédios, que pode fluir bem ou até mesmo ser bloqueada. “Qualquer coisa do meu trabalho sendo arquitetura, arte, este componente invisível, mas muito sensível, é o mais importante. Meu trabalho tem que ser visualmente harmonioso, quero que agrade, mas também que as obras tragam energia harmonizadora com elas”, expõe a artista.

A essência por trás das instalações de Janet está em oferecer ferramentas para a harmonização do corpo e do ambiente. “No espelho d’água vou colocar uma escultura ou portal inspirado nas torres do xintoísmo japonês, mas é um portal ativado, pois tem um diapasão que pode tocar e receber uma vibração harmonizante no corpo”, aponta ela.

Apesar da nacionalidade holandesa, Janet

Vollebregt vive uma relação de muito carinho e amor pelo Brasil. Após a chegada ao país em 2006, Janet reside na Chapada dos Veadeiros, onde começou a construir a casa Alto Paraíso, com o desejo de o local virar uma residência artística. Atualmente, Janet está morando na Holanda, porém, a artista não esconde seus sentimentos pelo país. “Estou vivendo nestas duas realidades paralelas, mas eu ainda vou voltar, porque me sinto melhor no Brasil. Eu amo!”, encerra Janet

EXPOSIÇÃO ESFÉRICA

A partir do dia 8 de Julho a 28 de agosto De terça-feira a domingo das 9h às 18:30h Local: Museu Nacional da República, próximo à Rodoviária do Plano piloto, Brasília - DF. Entrada gratuita